# Banco ABC Brasil | Relações com Investidores Transcrição da Teleconferência de Resultados 3T15 9 de novembro de 2015

## APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DO 3º TRIMESTRE DE 2015

## [Anis Chacur Neto, CEO]

Bom dia a todos e obrigado por participarem de nossa teleconferência de resultados do terceiro trimestre de 2015.

No slide 2 temos os principais destaques. O Lucro Líquido recorrente foi de 95,9 milhões de reais no terceiro trimestre de 2015. O Retorno anualizado sobre o Patrimônio Líquido recorrente foi de 16,2% a.a. no terceiro trimestre de 2015. A carteira de crédito expandida encerrou setembro de 2015 com saldo de 21,7 bilhões de reais, apresentando crescimento de 12,7% nos últimos 12 meses e de 4,1% no trimestre. A qualidade da carteira continua elevada, com 95,8% das operações de empréstimos e 99,9% das operações de garantias prestadas classificadas entre AA e C ao final do trimestre. Considerando as duas carteiras, o índice foi de 97,4%.

No slide 3 apresentamos a evolução da nossa carteira de crédito. Considerando a carteira de crédito expandida, apresentamos um crescimento de 12,7% em 12 meses e de 4,1% no trimestre. Excluindo o efeito de variação cambial a carteira expandida teria apresentado crescimento de 2,1% em 12 meses e uma redução de 0,7% no trimestre. Essa evolução é consequência do foco que estamos dando a qualidade e rentabilidade, aliada a menor demanda de crédito. O objetivo é mantermos o conservadorismo.

No slide 4 alguns destaques de cada segmento. No segmento "Corporate", terminamos setembro de 2015 com 842 clientes, dos quais 590 possuíam exposição de crédito, o que resultou numa exposição média de 30 milhões de reais por cliente. A carteira "Corporate" terminou o trimestre com um prazo médio de 346 dias. No segmento Empresas, encerramos setembro com 1.162 clientes. Desses clientes, 953 possuíam exposição de crédito, o que resultou numa exposição média de 2 milhões e 900 mil reais por cliente. A carteira de Empresas médias terminou o trimestre com prazo médio de 291 dias. Apresentamos também no slide a distribuição geográfica das carteiras, sem variações significativas no trimestre.

No slide 5, a qualidade da carteira. No primeiro gráfico, as operações com atraso acima de 90 dias. O segmento "Corporate" apresentou melhora de 1,4% para 0,6%. Este indicador foi impactado positivamente por créditos baixados a prejuízo, sem que novas operações de mesmo valor tenham entrado em atraso. O segmento Empresas apresentou um aumento de 0,8% para 1,1%. E no total, em função da melhora do indicador do "Corporate", o atraso acima de 90 dias melhorou de 1,3% para 0,7%. No segundo gráfico apresentamos o Saldo de PDD. O saldo de PDD encerrou o trimestre em 2,4% da carteira, já incluindo a provisão adicional de 50 milhões de reais ao mínimo requerido pelo Banco Central. Esta provisão adicional é uma estratégia preventiva, considerando o cenário econômico atual. No segmento "Corporate" a PDD ficou então em 2,2% da carteira de empréstimos, e no segmento Empresas em 3,4%. No terceiro gráfico a evolução dos empréstimos de rating D e E-H. As operações classificadas em D apresentaram aumento para 2,6%, e o saldo entre E e H reduziu para 1,6%. Este indicador foi positivamente impactado pelos créditos baixados a prejuízo, sem que novas operações de mesmo valor tenham entrado em atraso, como já foi mencionado.

No slide 6, a evolução de nosso funding. O gráfico apresenta a abertura da Captação por perfil de investidor. O banco permanece com uma carteira diversificada, com acesso aos mercados local e externo em condições competitivas e com prazos confortáveis em relação ao perfil de seus ativos. A liquidez permaneceu elevada no trimestre e a precificação tem sido muito adequada. O funding continua sendo uma das âncoras do nosso negócio.

No slide 7 a evolução de nosso Patrimônio Líquido e do Índice de Basiléia. Terminamos o trimestre com patrimônio de referência de 3 bilhões de reais, e patrimônio líquido de 2 bilhões e 441 milhões de reais. O Índice de Basileia ficou em 14,6%, sendo 11,2% em capital de nível 1 e 3,4% em capital de nível 2. Considerando o aumento de capital com a recapitalização de JCP do primeiro semestre de 2015, homologado pelo Banco Central em 28 de outubro de 2015, e também a nova ponderação de capital para fianças em processos judiciais ou administrativos de natureza fiscal, de acordo com a Circular n°3. 770/15 do Banco Central, o Índice de Basiléia seria de 16,1%, com capital de nível 1 de 12,4%. É uma capitalização que consideramos adequada.

No slide 8, apresentamos a evolução da margem financeira. A margem financeira gerencial totalizou 705 milhões de reais nos primeiros 9 meses de 2015, aumentando 31,9% em relação ao mesmo período de 2014. Houve aumento na contribuição das 3 componentes: remuneração do patrimônio líquido a CDI, margem com clientes e margem com o mercado. A margem financeira com clientes atingiu 388 milhões de reais de janeiro a setembro de 2015, com crescimento de 22% em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa variação ocorreu principalmente devido ao aumento do volume de operações, "mix" de produtos e "spread" bancário. No terceiro trimestre de 2015 aumentou 6,9% em relação ao trimestre anterior, explicado principalmente pelo aumento do volume da carteira de crédito e o "spread" bancário. O crescimento da margem financeira com o mercado é

consequência, principalmente, do bom acesso a funding, que associado às variações do mercado tem possibilitado arbitragens. O cenário atual tem estimulado também maior volume de operações de hedge por parte das empresas. A despesa de PDD recorrente neste trimestre foi de 40 milhões e 400 mil reais. A margem financeira líquida recorrente aumentou 15,6% no trimestre. No período de 9 meses, a despesa da PDD foi de 120 milhões de reais ante 57 milhões no mesmo período de 2014, mas mesmo com esse aumento a margem financeira líquida de PDD cresceu 22,6%. Como mencionamos, neste trimestre foi feito um provisionamento adicional ao mínimo requerido pela regra do Banco Central no valor de 50 milhões de reais. Mesmo considerando essa despesa não-recorrente, a margem financeira gerencial de janeiro a setembro apresenta crescimento de 12% em relação ao mesmo período de 2014. A NIM, taxa anualizada da margem financeira gerencial, foi de 4,5% no terceiro trimestre de 2015, apresentando aumento de 0,3 p.p. em relação ao trimestre anterior, refletindo a boa performance das linhas de receitas, conforme já mencionado. As receitas de prestação de serviços atingiram 45 milhões de reais no terceiro trimestre de 2015.

No slide 9, as receitas de prestação de serviços atingiram 45 milhões de reais no terceiro trimestre de 2015. As fianças, que são o destaque desta linha, continuam com boa performance. Quando comparamos a receita de janeiro a setembro de 2015 com o mesmo período de 2014, verificamos um crescimento de 12,8%, sendo que o saldo médio cresceu aproximadamente 10%. As tarifas tiveram boa evolução, com crescimento de 17,7% em relação ao trimestre anterior e 22,9% em relação ao terceiro trimestre de 2014. No período de 9 meses acumulados, o crescimento foi de 7,2%. Há um esforço em incremento de receitas através dos produtos de pagamentos e gestão de caixa das empresas. Acreditamos no potencial dessa linha, com os investimentos em tecnologia que temos realizado. O banco de investimento teve uma contribuição pequena neste trimestre, com receita de 1 milhão de reais, em função do cenário, em que operações de underwriting não aconteceram da forma que imaginávamos. Apesar disso, a área de banco de investimento continua, e continuará, como uma das atividades "core" do banco, com o objetivo de adicionar receitas que demandem pouca utilização de capital regulatório.

No slide 10, a variação das despesas e do nosso índice de eficiência. As despesas de pessoal e outras administrativas atingiram 198,5 milhões de reais nos primeiros 9 meses de 2015, aumento de 14,7% em relação ao mesmo período do ano passado. A variação das despesas de pessoal está relacionada ao aumento do número de funcionários e impacto do dissídio, que vem sendo parcialmente provisionado ao longo do ano. O aumento em outras despesas administrativas está relacionado principalmente a despesas com tecnologia e serviços jurídicos. Importante analisar essa variação nas despesas em conjunto com a análise do índice de eficiência. O índice de Eficiência foi de 31,5% no terceiro trimestre de 2015, melhorando 1,5 p.p. em relação ao trimestre anterior, e 3,3 p.p. em relação ao mesmo período de 2014. É o melhor índice do banco desde o seu IPO, em 2007.

No slide 11, a rentabilidade. O lucro líquido recorrente de 95,9 milhões de reais no terceiro trimestre de 2015 resulta da eliminação dos efeitos de eventos não-recorrentes no resultado, conforme apresentado na tabela. Tivemos os seguintes eventos não-recorrentes no terceiro trimestre de 2015. Provisão adicional de 50 milhões de reais sobre o mínimo exigido pela Resolução nº 2.682/99, considerando o cenário econômico a as incertezas a ele associadas. Efeito do aumento da CSLL no crédito tributário. Nos primeiros nove meses de 2015 o lucro líquido recorrente do banco atingiu 266,3 milhões de reais, apresentando aumento de 13,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. No terceiro trimestre de 2015, o lucro líquido recorrente atingiu 95,9 milhões de reais, apresentando aumento de 6,4% em relação ao trimestre anterior, quando o lucro registrado foi de 90,1 milhões de reais, e de 14% em relação ao lucro recorrente de 84,1 milhões reais registrado no mesmo período de 2014.

Estes eram os principais dados que gostaríamos de apresentar, abrimos então para perguntas. Obrigado.

### **PERGUNTAS & RESPOSTAS**

## 1. Guilherme Costa – Itaú BBA

Bom dia pessoal, obrigado pela oportunidade e parabéns pelos resultados. Eu tenho duas perguntas. A primeira em relação as principais tendências que vocês esperam para 2016. Eu imagino que vocês devem estar ainda no meio do processo de orçamento, mas se vocês puderem comentar com a gente quais são as principais tendências para as margens de crédito, de inadimplência e a carteira. E a minha segunda pergunta é sobre as baixas que vocês tiveram este trimestre. Saiu no Valor hoje que essas baixas estariam relacionadas com empréstimos relacionados com a Lava Jato. Eu queria saber se vocês esperam mais baixas nos próximos trimestres dado que a inadimplência da carteira "Corporate", apesar dela ter caído, ela ainda continua acima do nível de 2014.

## [Anis Chacur Neto - Presidente]

Guilherme, obrigado. Aqui é o Anis. Bom, a tendência para 2016 nós ainda não temos "Guidance" mas é em função da nova perspectiva dos economistas e também a nossa perspectiva de crescimento, que é um crescimento negativo, não é, fala-se entre 2,5% a 3,5% para o ano de 2016, então continua sendo uma perspectiva de ano de ajuste e consequentemente o crescimento da carteira de crédito deverá ser pequeno. Não temos ainda o guidance. Em compensação o "spread" bancário deve continuar mais alto, os níveis que temos hoje são níveis que podemos imaginar que podem ser mantidos no decorrer de 2016, que consequentemente melhoram a margem de crédito, e a inadimplência. Aí tem dois aspectos, um é a despesa de PDD e o outro a carteira em atraso. Eu acho que é provável que a despesa de PDD continue e deve continuar elevada como tem sido no decorrer desse ano de 2015 dado esse cenário mais desafiador com o crescimento negativo. E o atraso acima de

90 dias com essas oscilações que nós temos tido durante o ano de 2015 em função de clientes com problemas que tiveram alguma provisão, e depois a carteira fica em atraso, e, há alguma recuperação, eventualmente na recuperação nem tudo é possível num curto espaço de tempo e o que eventualmente pode gerar algum [inaudível]. Como foi agora é possível, mas são todos números difíceis de você estimar com precisão. O que dá para levar em conta eu acho é que esse nível de despesa de PDD não deverá diminuir durante o ano de 2016. Eu acho que esse é um patamar que podemos imaginar que será convivido durante o ano de 2016 mas que isso não representa um guidance. E com relação a essas baixas, elas são baixas como foi dito em consequência de provisões em um passado recente e que foram para a letra H e atingiram mais de 6 meses. E é difícil dizer se teremos mais baixas para prejuízo em função das negociações porque você joga para prejuízo quando o cliente não foi possível você fazer uma renegociação e também não surgiu uma oportunidade para que esse crédito fosse vendido em um preço interessante para terceiros. E as duas situações são situações que a gente tem visto no mercado. Tanto em eventual renegociação com algum cliente que pode representar não necessariamente um [inaudível] como eventuais oportunidades de vender esses ativos por preços que nós achamos interessante versus aquilo que a gente imagina obter no tempo, deduzido os custos para cobrar esse ativo. Então essa segunda parte das baixas é um pouco mais difícil de prever.

#### 2. Eduardo Rosman - BTG Pactual

Bom dia a todos. Tenho duas perguntas. Na verdade, tenho algumas perguntas sobre PDD e qualidade de ativo. Primeiro eu queria entender como é que vocês planejam usar essa PDD excedente. Como é que seria a decisão do management da companhia em usar, se tem algum "trigger", algum gatilho, se a inadimplência chegar acima de um determinado valor, ou se a PDD atingir acima de um determinado valor, se vocês poderiam usar ou não, só para a gente tentar entender como é que seu resultado poderia performar caso o cenário continue piorando. E também queria entender sobre essas baixas que vocês fizeram, vocês esperam recuperar parte desses créditos no futuro ou não acreditam. Se vocês olharem historicamente como tem sido a performance de vocês na recuperação de crédito. Se vocês pudessem comentar um pouco sobre isso. Obrigado.

#### [Anis Chacur Neto - Presidente]

Eduardo aqui é o Anis, obrigado pela pergunta. Bom, a PDD excedente é algo que foi realizado em função da perspectiva mais difícil para 2016. Então se algo for para ser utilizado seria no ano que vem. Jamais esse ano. E esperamos não ter que utilizála. Mas é difícil prever. Eu diria que se o cenário de 2016 fica com o que temos parecido em 2015 talvez não haja necessidade de utilização. Se ficar um cenário um pouco nervoso, eventualmente ele poderá ser utilizado. Gostaria de chegar na apresentação de resultado no terceiro ou quarto trimestre do ano que vem sem ter utilizado essa provisão excedente ou até poder reverte-la. Mas no momento é muito difícil a gente fazer qualquer previsão nesse sentido. Foi uma provisão feita sem a identificação de nenhum problema específico, todos os créditos que nos identificamos necessidade de provisão por questão de rating estão na provisão recorrente, e essa foi uma provisão feita do ponto de vista macroeconômico. Ou seja, então não temos nenhuma perspectiva de curto prazo de saber como ela deverá ser utilizada. Com relação às baixas de prejuízo em termos de expectativa de recuperação no curto espaço de tempo não temos não. São créditos baixados para prejuízo que podem ter uma expectativa de recuperação, mas não no atual ambiente. São operações de empresas que estiveram em situação de recuperação judicial, que esses processos de recuperação estão impondo condições ruins para os credores em tido segmento no tempo, que fica um pouco difícil que esses ativos se transformem em dinheiro e que ao não se transformarem em dinheiro não há razão para que isso seja contabilizado como uma recuperação de prejuízo.

## [Eduardo Rosman]

Está ótimo. Fazendo outra pergunta sobre a margem financeira, a gente tem visto o banco nesse trimestre especificamente conseguiu reprecificar bem as carteiras, o NIM melhorou bastante, foi a principal razão para o resultado ter vindo tão bom. Eu queria entender se vocês acham que isso é mais transitório, é o cenário que está permitindo isso ou vocês acham que é uma mudança estrutural? Realmente o crédito, obvio que assim, estrutural eu digo assim passando os próximos três a quatro anos, sei que pensar dez anos à frente eu acho que é muito difícil saber mas queria entender por que a minha percepção é que o mercado "Corporate" era muito visto quase como - para algumas empresas - quase como soberano, a chance de inadimplência era muito baixa e por isso que eu queria entender se vocês acham que esse aumento de "spread" é mais transitório ou ele tende a ser um pouco mais estrutural mesmo ?

## [Anis Chacur Neto - Presidente]

É. No que diz respeito ao "spread" no seguimento "Corporate" claramente antes dessa crise, um momento mais difícil e desafiados que nós estamos passando, provavelmente os "spreads" bancários do segmento "Corporate" estavam mal precificados. Tinha muito "spread" baixo versus o risco potencial que o cliente representava. Nesse momento, talvez esteja um pouco mais esticado por que a disposição dos bancos como um todo em novos empréstimos reduziu bastante, então você tem um aumento natural por conta de um cenário de inadimplência maior. Mas eu acredito que mesmo em 2016 e 2017, 2016 talvez não, mas 2017 que a gente passe a conviver com um cenário melhor eu acredito que o mercado financeiro pode ter uma redução do que se pratica de "spread" hoje, mas não aquilo tão baixo que se praticava no passado. Eu acho que do ponto de vista estrutural o "spread" bancário ele melhorou, quer seja por esse momento que nós estamos passando e quer

seja pelas exigências de capital regulatório com base na Basiléia 3. Então segundo esses dois aspectos eu acho que o negócio do ponto de vista estrutural ele tende a remunerar melhor.

#### 3. Gilberto Tonelo - GBM

Bom dia a todos e obrigado pela oportunidade e parabéns pelo resultado também. Gostaria de fazer duas perguntas, referente também à margem e a qualidade de ativos. A gente vê no trimestre até em resposta de vocês, vocês falaram que a margem cresceu e a tendência é que ela fique em um patamar mais elevado também dado a conjuntura. Mas também a gente vê que é algo que vem ajudando a margem aqui foi a margem financeira com o mercado, então eu queria saber se das linhas de contribuição da margem se vocês acreditam também que a margem financeira com o mercado em 2016 também deva ficar em um patamar mais elevado, da volatilidade aí também e depois eu faço a minha segunda pergunta.

## [Sergio Lulia Jacob - Vice-Presidente Executivo]

Oi Gilberto, aqui é o Sergio Lulia. É. De fato as margens com o mercado vêm se comportando bem, eu acho para os bancos em geral como para o ABC também, eu acho que em função da volatilidade como você colocou e muito decorrente em função do acesso ao funding estrangeiro que por conta da volatilidade você aproveita momentos para captar esse funding internacional em situações onde a internação dos recursos traz ganhos de arbitragem para a instituição. A princípio me parece que esses ganhos irão permanecer ao longo dos próximos trimestres, as linhas externas vêm se comportando bem, depois do "downgrade" do Brasil houve uma tentativa de reprecificação dessas linhas por parte dos credores estrangeiros. Em parte ocorreu, mas como o cupom cambial e local subiu ainda mais as oportunidades de arbitragem continuam. Por outro lado, a venda de produtos para clientes é hoje um negócio importante do banco, a gente tem aproximadamente 22%, 23% dos clientes do banco comprando produtos de derivativo, durante esse ano não só estes produtos trouxeram uma boa rentabilidade para o banco como também ajudaram bastante os clientes a se protegerem da volatilidade. São produtos como "cap" de taxa de juros, ou mesmo swaps mesmo ou opções de dólar que tem sido bastante utilizados pelos clientes e dado o cenário para 2016 a gente acredita que isso vá continuar.

## [Gilberto]

Não, perfeito. Obrigado. Também aqui dando uma olhada na inadimplência de vocês a gente que a inadimplência do "Corporate" caiu bastante só que uma tendência da linha de Empresa. Na carteira de Empresas a gente viu uma queda contínua e nesse trimestre ela subiu bem forte. E o segmento de Empresas a gente sabe que agora - já era mais arriscado de que o setor "Corporate" - mas agora está num momento mais delicado. Então, se vocês pudessem comentar o que levou a esse aumento de inadimplência e a estratégia de vocês também para o setor de Empresas para o próximo ano. Também o que você conseguirem comentar eu agradeço.

#### [Anis Chacur Neto - Presidente]

Gilberto aqui é o Anis. Esse ajuste do atraso foi um pequeno ajuste, nada expressivo. A carteira do segmento Empresas, até o momento estamos muito confortáveis. Ela está. Ela é uma carteira que ela foi reconstruída ao decorrer do ano de 2014 e entrou em 2015 com ela bem consolidada, aumentamos o perfil do cliente, o tamanho do cliente, ticket de R\$ 50 a R% 500 milhões por ano. Não temos grandes concentrações, em uma boa parte boas garantias tanto em termos de recebíveis quanto garantias de imóveis através da figura de alienação fiduciária e imóveis que não tem uma relação direta com a atividade principal do devedor e com um "spread" bem precificado, um atraso e uma despesa de PDD compatível com a receita que gera. Então estamos imaginando um 2016 e final de 2015 desse segmento com um certo conforto, não achamos que esse segmento vá dar surpresas negativas não.

## 4. Francisco Kops - Banco Safra

Bom dia Anis, Sergio e a todos. Eu tinha uma pergunta sobre carteira de crédito. Eu acho que é consensual que o cenário para crescimento de carteira é ruim para 2016, mas se a gente levar em conta que o banco ABC é um banco mais concentrado em crédito corporativo de uma maneira geral e tendo em vista que os "spreads" têm aumentado muito forte, qual o risco de a gente ver uma queda de carteira no ano que vem e até uma queda brusca que poderia até comprometer o nível de NII para o ano que vem? Porque talvez esse seja um risco aí que a gente não tenha falado muito. A gente tem focado muito em qualidade de crédito, mas não sei até que ponto isso possa ser um risco também. Não sei como é que vocês estão vendo a possibilidade de de repente a originação ser muito mais fraca no ano de 2016 diante da atividade, dos "spreads". Enfim. Obrigado.

## [Anis Chacur Neto - Presidente]

Aqui é o Anis, obrigado pela pergunta. Olha, como já foi dito não temos o guidance de crescimento para 2016, teremos no próximo "call", mas não estamos enxergando uma situação tão dramática assim não. Estamos enxergando um ano desafiador, um ano de um crescimento pequeno, um ano aonde o objetivo é ser conservador e dada a característica do sistema financeiro brasileiro em termos de número de bancos com disposição de atuar no segmento corporativo para fazer empréstimos ou fazer operações que envolvam risco de crédito e dado o fato que por mais difícil que tenha a ser por um curto espaço de tempo, por algum tempo os desafios financeiros das empresas ainda você consegue identificar bons créditos dentro desse ambiente com uma competição não muito grande e que sejam bem vindos na nossa atividade de maneira que não seja necessário uma queda drástica de carteira. Não é isso que imaginamos. Estamos imaginando um crescimento pequeno, estamos muito confortáveis com o nosso nível de capitalização tanto regulatório quanto a capitalização do banco

mesmo, estamos muito confortáveis com a nossa situação de liquidez e funding e o nosso portfólio da carteira expandida nos diferentes produtos entre empréstimos, garantias e títulos e valores mobiliários não tem porque ter uma queda brusca. Eu acho que o cenário mais provável é um cenário de crescimento pequeno.

#### 5. Gustavo Schroden - BofA ML

Bom dia pessoa e obrigado pela oportunidade. Eu vou fazer duas perguntas. A primeira é, eu queria levantar um pouquinho a questão de "asset quality", quando a gente olha os outros bancos que atuam, que têm uma participação também significativa no setor "Corporate", a indicação que a gente tem visto é que o pior de "Corporate" já passou e talvez agora o ciclo ruim que a gente possa esperar venha mais do lado de pessoa física como uma consequência do aumento de desemprego, enfim. Daí eu queria entender se essa, se esse "soft" guidance que vocês estão passando de uma PDD de um nível ainda mais alto para 2016 é um "soft" guidance ainda mais conservador ou vocês ainda enxergam diferentemente dos outros bancos que têm uma participação em "Corporate" entende a respeito desse segmento, de que enfim o pior já pode ter passado, enfim eu queria entender o por quê vocês ainda têm receio da carteira "Corporate" e que a gente vê uma indicação um pouco diferente do que os outros bancos. Depois eu faço a segunda pergunta. Obrigado.

## [Anis Chacur Neto - Presidente]

Bom Gustavo, aqui é o Anis. Com relação a nossa vamos dizer preocupação para 2016, quando você vê que a economia deve crescer entre -2,5% a -3,5% imaginar que o cenário de crédito vai ser positivo é um otimismo exagerado, pode até acontecer, em que pese o fato de que 2015 ter sido um ano de crescimento negativo e de 2016 mais negativo ainda o fato das empresas entrarem em 2016 já prevendo esse crescimento ruim faria com que tivesse grandes surpresas e, talvez, a inadimplência que se traduz através de despesas de PDD ficasse até menor do que 2015. É uma possibilidade. Mas dentro de uma previsão mais conservadora a gente prefere imaginar que 2016 pode ser um ano para o segmento corporativo tão desafiador como está sendo o ano de 2015. É que se isso acontecer nós estamos muito confortáveis de enfrentar esse ano. E se acontecer esse cenário relativamente conservador e dado o perfil e o modelo de negócio que nós temos e a condição de fazer "spread" com essa perspectiva de PDD a gente acredita que é possível com crescimento baixo manter os níveis de rentabilidade. Esse que é o ponto. Não é certeza que vá ser ruim e não é certeza que não vá ser ruim. Num cenário conservador eu diria que 2016 deve ser um ano parecido com 2015 em termos de despesa de PDD. Principalmente no segmento "Corporate".

#### [Gustavo]

Claro, obrigado Anis. A minha segunda pergunta eu queria falar um pouco de despesa. É, assim, achei que veio um crescimento um tanto quanto acima da inflação e achei um pouco a despesa sobre pressão. E você comentou que teve mesmo um aumento de "headcount" e isso também é uma tendência um pouco diferente do que a gente tem visto no mercado bancário como um todo não é. Eu queria entender só um pouco esse aumento de "headcount" enfim, ele está mais relacionado à o que? Eu acho que é um pouco contraditório que se a gente imaginar que vai ter uma desaceleração no nível de crescimento de carteira, nível de atividade, enfim, se você pudesse clarear essa questão e se a gente pode esperar uma melhora na linha de despesas e, se sim, por quê? Obrigado.

## [Anis Chacur Neto - Presidente]

Olha Gustavo, basicamente quando nós falamos de aumento de "headcount" é que nós entramos em 2015, final de 2014, nós nos planejamos para fazer. A cada dois anos o banco tem feito um programa de trainee. E esse programa de trainee no final você acaba tendo um incremento de algo entre 15 a 20 funcionários. E esse programa foi planejado no decorrer do segundo semestre de 2014, e aí dado e em que pese esse cenário mais adverso em função da necessidade da continuidade do processo do nosso modelo de negócios tanto nas atividades de "Corporate", como na atividade de Produtos, a atividade de Tesouraria, área internacional, são atividades que mesmo num ritmo mais lento elas têm sido fortes geradoras de receita nós optamos em dar continuidade a esse programa. E foi feito, os trainees foram contratados, concluíram esse programa de trainee agora e é um recurso humano de excelente qualidade e que nós a princípio o objetivo é mantê-los, mas que qualquer iniciativa como essa que foi feita no final de 2014 para 2015 está suspensa. Ou seja, esse crescimento de "headcount" que teve foi um crescimento muito em função desse aspecto e dentro do banco não sentimos ainda a necessidade de fazer algum ajuste mais forte. Por que os níveis das receitas continuam muito bons, o nosso índice de eficiência também é muito bom, ou seja, o banco já está relativamente enxuto. Fazer um ajuste mais forte não está na agenda. Ou seja, não estamos prevendo manter esse ritmo de programa de trainees nos próximos dois anos, por que realmente o cenário não justifica, mas o que foi feito eu acho que está bem feito, é bem-vindo e vai agregar nesse processo de crescimento e continuidade do banco, mesmo que seja em ritmos menores.

#### [Gustavo]

Está bom, mas para a título de auxiliar a gente aqui na modelagem. O que a gente pode trabalhar de crescimento de despesa para 2016? Ainda inflação ou a gente pode trabalhar com nível ainda um pouco acima da inflação?

## [Anis Chacur Neto - Presidente]

Olha, eu acho que inflação já seria bem conservador. Eu acho que podemos colocar, esse ano nós tivemos um dissídio de 10%. Nos nossos custos no decorrer de 2015 nós provisionamos um dissidio de 8%, então falta uma pequena parte para ser

colocada. Para o ano que vem nós imaginamos que o dissidio poderia ser menor então eu acho que ser conservador seria, o dissidio. E se você colocar que o dissidio está próximo da inflação com certeza não vai ser maior que isso, podendo ser menor.

#### 6. Pedro Furtado - Prada

Bom dia, eu queria fazer duas perguntas a primeira em relação ao caixa. Vocês apresentaram neste trimestre um nível de caixa ainda crescendo. Então eu queria entender como isso impacta nas despesas e o custo de carrego desse caixa. O que a gente pode esperar para a frente, o banco está sendo conservador, mas até que ponto que dá para continuar com um caixa tão alto. A segunda pergunta é em relação a parte de receita, a última pergunta foi discutido que as despesas estão crescendo e vocês comentaram no último trimestre que alguma iniciativas de aumento de receitas em outras áreas em que vocês não atuavam até então. Eu queria entender como é que está a evolução disso e o que a gente pode esperar para 2016. Obrigado.

#### [Anis Chacur Neto]

Pedro, aqui é o Anis. Com relação ao caixa, no decorrer de 2015 tem sido um negócio muito interessante, por que? Dado as oportunidades de captação no exterior que em função de diferença de cupom externo e cupom local uma grande parte desse caixa é um caixa que ele não gera ônus. E dá um conforto de liquidez. Então esse caixa da forma como ele foi construído e que ele tem sido construído ele é um caixa de custo baixo. E as vezes nem custo. Por que também você pode perceber o seguinte, está bom, a captação no exterior ela pode estar num custo interessante, mas por que deixar em liquidez? Por que realmente não estamos identificando outras oportunidades melhores de negócio dentro dos nossos padrões e pré-requisitos do ponto de vista de crédito. E uma vez que essa captação ela na pior das hipóteses ela chega a custar SELIC ou menos que SELIC então não é um caixa que onera e dá o conforto da liquidez. Então este é bem-vindo e se as oportunidades continuarem nós vamos continuar a praticar. Esse caixa não está onerando o nosso resultado. E com relação às iniciativas para o crescimento das receitas há dois seguimentos que nós acreditamos que tem potencial para gerar mais do que tem gerado. Um é a parte de "cash management", meios de pagamentos. Esse é um produto que até um tempo atrás se você não possuía presença física nas localidades através de redes de agência era um produto de difícil realização. Hoje a nossa cobrança que é feita por conta de duplicatas que nós temos de operações de empréstimos, principalmente do segmento Empresas, 95% a 96% dela, ela já é feita diretamente sem que a gente tenha que contratar um banco correspondente. Isso em função de tecnologia. E a partir daí o produto cobrança simples passou a ser possível. Pagamento de impostos passou a ser possível. Antecipação a fornecedores era um produto que a gente já vinha praticando e depois que ele passou a ser praticado como um produto de crédito o simples pagamento a fornecedores sem ser uma antecipação também passamos a realizá-lo. Então a gente acha que isso tem um bom potencial, agora é um crescimento lento. Você não vê um crescimento de uma hora para outra. A gente acredita que é um crescimento constante em percentuais acima de inflação ou de qualquer índice de crescimento, mas que a receita no todo ainda vai contribuir pouco, mas de uma forma crescente. E outro é o banco de investimento que tem dois segmentos. Um é o "underwriting" e o outro "M&A". O "underwriting", esse ainda fica um pouco mais comprometido num cenário desafiador como 2016 por que a disposição dos investidores e as políticas de crédito também é limitada, mas o M&A não. Essa é uma que está muito bem estruturada e a gente acha que isso no tempo pode dar um crescimento mais expressivo na receita, que no todo não é muito, mas é receita que é gerada sem utilizar ou com baixa utilização de capital regulatório.

[FIM]